



## **CENÁRIO DA ALIMENTAÇÃO INFANTIL: REFLEXOS DO ISOLAMENTO SOCIAL**

Ana Lyssa Emerick Dutra de Souza, Faculdade do Futuro, Minas Gerais, Brasil.

Bruna Tavares Silva, Faculdade do Futuro, Minas Gerais, Brasil.

Naiara Fonseca Silva, Faculdade do Futuro, Minas Gerais, Brasil.

Sara Campos da Silva Berbert, Faculdade do Futuro, Minas Gerais, Brasil.

Thássia Batista Lopes de Sá, Faculdade do Futuro, Minas Gerais, Brasil.

Victória Olívia Miranda Dias, Faculdade do Futuro, Minas Gerais, Brasil.

Elciana de Oliveira Emerick Coelho (orientadora), Faculdade do Futuro, Minas Gerais, Brasil.

**Resumo:** A alimentação infantil dentro das condições de isolamento social passou por diferentes cenários, como falta de alimentação e o alto consumo de ultraprocessados. O fechamento das escolas também contribuiu para que essa questão se tornasse um problema durante a pandemia da COVID-19. Este estudo se trata de uma revisão bibliográfica e o levantamento dos artigos e trabalhos utilizados foi feito no período do mês de abril de 2022. Conclui-se que os problemas acentuados no período de isolamento social, tendem a se desdobrarem no período de pós-pandemia, e que devem ser trabalhados de forma abrangente dentro da saúde, família e educação.

**Palavras-chave:** Isolamento social; Covid-19; Alimentação infantil; Alimentação escolar; Obesidade.

### **Introdução**

A alimentação infantil sempre foi um assunto relevante dentro da saúde. A introdução alimentar na primeira infância pode trazer inúmeros benefícios para a formação da criança, ou quando feita de forma incorreta, sem os nutrientes necessários, pode causar problemas. O modo de alimentar as crianças é decisivo na formação do hábito alimentar, fator este, que ficou muito afetado durante a pandemia da COVID-19.

Recentemente, o mundo se deparou com um grande desafio que modificou profundamente os hábitos de vida de diversas populações: a pandemia de COVID-19. As implicações dessa situação quebram paradigmas, são amplas e repercutem nos diversos âmbitos de interação social. Desde a pessoa mais nova até a mais velha, o mais rico e o mais pobre, todos foram afetados de alguma forma pela pandemia da COVID-19, seja diretamente, contraindo a doença, ou indiretamente sofrendo as consequências que ela vem causando. Escolas fechadas, famílias inteiras sem emprego, impedimento da mobilidade por conta do isolamento social, tudo isso por um período mais longo do que se esperava.

Assim como a economia, educação, saúde e trabalho, a alimentação não ficou de fora dos problemas que se acentuaram na pandemia. A alimentação infantil perpassou por cenários variados, e este trabalho tem como objetivo abordar esses cenários, tanto



de desnutrição, como de obesidade e apresentar os reflexos sociais do isolamento, que tendem a ter importantes desdobramentos durante esse período e no pós- pandemia.

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica referente às publicações encontradas sobre o tema trabalhado, em que consiste no levantamento de dados e artigos sobre os últimos dois anos, período que compreendeu a pandemia da COVID-19. Os artigos utilizados para essa pesquisa foram extraídos das bases de dados: SciELO, Universidade de São Paulo, Electronic Journal Collection Health (Revista Eletrônica Acervo Saúde), Publicação Oficial da Sociedade Brasileira de Pediatria, UNIFG (Centro de Nutrição), UFG (Universidade de Goiás), Revista Extensão em Foco (UFPR) e Google Acadêmico.

A coleta de dados ocorreu a partir de publicações indexadas nas bases de dados citadas, sendo acessada no mês de abril de 2022. Foram considerados como critérios de inclusão, estudos publicados no período de 2020 a 2022, idioma português e que trouxeram informações relevantes sobre a temática. Os critérios de exclusão foram: estudos que não estavam disponíveis gratuitamente para a leitura na íntegra. As palavras-chave utilizadas para a busca do material bibliográfico foram: “Isolamento social; Covid-19; Alimentação infantil; Alimentação escolar; Obesidade.”. Após a aplicação dos filtros, seis artigos foram selecionados e utilizados para fundamentar esse estudo.

## **Resultados**

No início da pandemia da COVID-19, houve um longo período de isolamento social, no qual muitas atividades cotidianas das famílias foram afetadas. Atividades comuns como ir ao trabalho, ou a escola foram prejudicadas, sendo que as escolas foram inviabilizadas de funcionar. Com esse período necessário de afastamento das atividades diárias, muitas famílias acabaram tendo que trazer para dentro de suas casas seus trabalhos, e em outro cenário, muitas famílias perderam seus empregos (OLIVEIRA, et al., 2021). Essa insegurança de trabalho nos direciona para outras inseguranças, como a alimentar. Segundo o IBGE, em 2018, 25,3% da população brasileira vivia em situação de pobreza ou extrema pobreza. São famílias cuja experiência da insegurança alimentar não foi uma novidade (JAIME, 2020). Mas essas vulnerabilidades foram aumentadas com toda instabilidade que o isolamento trouxe.

Mesmo antes da pandemia da COVID-19, o cenário da alimentação infantil sempre foi pauta dentro da saúde por ter ligação direta com o desenvolvimento da criança, principalmente em sua primeira infância. Crianças no período de introdução alimentar, e nos anos escolares iniciais são as mais afetadas com a qualidade e quantidade de alimentos que têm disponíveis (GODINHO, et al., 2021). Mas se falando de alimentação infantil, não é possível isolar a atuação da família, afinal a ingestão de alimento não depende apenas das crianças (OLIVEIRA, et al., 2021), pelo contrário, o



envolvimento das famílias e responsáveis é crucial para que essa alimentação seja realizada de maneira adequada.

Um dos pilares da alimentação infantil é a alimentação escolar, e com o fechamento das escolas, as crianças que vivem em situação de pobreza e extrema pobreza correram o risco de adoecerem em consequência da fome e em contrapartida, muitas abandonaram os estudos (JUNIOR, et al., 2020). As escolas, principalmente as públicas, possuem uma alimentação que tem uma base nutricional minimamente adequada para oferecer aos alunos, e muitos só têm a refeição escolar como refeição diária (SOUSA, et al., 2020).

Durante a pandemia, as escolas foram fechadas, e mesmo com os programas de distribuição de alimentos para os alunos, o acesso a uma refeição nutritiva para essas crianças ficou dificultado. Com isso, tivemos um aumento no consumo de alimentos ultraprocessados, pelo fato de serem economicamente mais acessíveis, mais fáceis de armazenar e com um prazo de validade maior. Os alimentos ultraprocessados são ricos em gorduras, sódio, açúcares e aditivos, e para crianças especificamente aquelas menores de 5 anos, podem causar prejuízos ao sistema imunológico, alergias e aumentar a possibilidade do desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (OLIVEIRA, et al., 2021).

Em contrapartida, oposta à desnutrição, aparece em meio a esse aumento de consumo de ultraprocessados, a redução de atividades físicas e o aumento de crianças sobrepeso e até mesmo obesas. O isolamento social fez com que as crianças passassem mais tempo dentro de casa, consequentemente diminuindo a prática de atividades físicas. Crianças que faziam educação física duas vezes por semana passaram a não ter esse estímulo. Mais tempo ocioso pode gerar uma ansiedade, aumentando o consumo de açúcares e gorduras. Apesar do conhecimento acerca da importância de uma alimentação saudável para as crianças, muitas famílias não conseguiram manter uma rotina de alimentação, devido as medidas para frear a pandemia terem afetado a rotina de todos (LAMOUNIER, 2021).

Observa-se que ainda é escasso o número de publicações que demonstram alterações alimentares exclusivamente nas crianças, mas segundo uma pesquisa da UNICEF em conjunto com o IBOPE, 23% da população com 18 anos ou mais afirma ter aumentado o consumo de alimentos industrializados e 21% afirmam ter deixado de consumir alimentos essenciais por falta de renda (OLIVEIRA, et al., 2021). O contexto dos adultos reflete diretamente nas crianças, afinal, são os adultos responsáveis por essas crianças, que providenciam, preparam e supervisionam sua alimentação.

### **Considerações Finais**

Com este estudo foi possível evidenciar que existem dois extremos quando o assunto é a alimentação infantil. A falta de alimentação e o excesso podem ocasionar problemas diversos nas crianças, de um lado os problemas relacionados com a desnutrição e de outro os problemas que a obesidade pode acarretar.



Concluimos que os problemas alimentares infantis desenvolvidos ou acentuados no período de isolamento social ainda vão permear o cenário da saúde por algum tempo.

Percebemos o quanto a família, como núcleo primário de interação das crianças tem papel crucial para que essas crianças tenham uma alimentação que permitirá o seu bom desenvolvimento físico e mental.

Observamos também que alimentação é um dos pilares para que a criança tenha suas necessidades supridas, e que as escolas como referência nutricional para muitas crianças precisam trabalhar em conjunto com o setor da saúde na busca por uma melhora para essa situação.

Sendo assim, as perspectivas pós- pandemia para esse cenário é de trabalho árduo para recuperar aquilo que foi perdido nesses dois anos de isolamento social.

A enfermagem dentro do contexto de pós-pandemia deverá trabalhar em conjunto com a equipe multiprofissional, buscando meios de recuperação, promoção e prevenção da saúde com o intuito de amenizar essa falha da alimentação infantil durante e no pós-pandemia.

Nutricionistas e educadores físicos são profissionais essenciais nesse processo, podendo junto com a equipe multidisciplinar, fazer intervenções nas escolas, com os pais e alunos sobre a importância de uma alimentação saudável. A ESF também, por ter um contato mais próximo com o usuário, dentro da equipe pode trabalhar em conjunto com os ACS para entender o contexto daquela área e elaborar meios para uma melhora da alimentação infantil.

## Referências

JAIME, Patricia Constante. Pandemia de Covid-19: implicações para (in)segurança alimentar e nutricional. **Editorial. Ciência saúde coletiva**, p. 1/1, 8 jul. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n7/2504-2504/> Acesso em: 20 abr. 2022.

GODINHO, Ana Paula Kuling. O uso da tecnologia de informação e comunicação para promoção da alimentação complementar saudável em tempos de Covid-19. **Revista extensão em foco**, ano p. 372-379, v. Palotina, n. n.23, p. 1/8, 13 maio 2021. Disponível em: [https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/79995/pdf\\_1](https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/79995/pdf_1). Acesso em: 21 abr. 2022.

DE SOUSA, Graziela Cesar; LOPES, Clara Sobreira Dias; MIRANDA, Maria Constancio; DA SILVA, Vitor Augusto Alves; GUIMARÃES, Patricia Regina. A pandemia de Covid-19 e suas repercussões na pandemia da obesidade de crianças e adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12/12, n. ISSN 2178-2091, p. 1/8, 29 abr. 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4743/3392>. Acesso em: 22 abr. 2022.



LAMOUNIER, Joel Alves. Nutrição infantil, atividade física e a pandemia pelo coronavírus. **Residência Pediátrica**, Divinópolis MG, volume11, n3-02, 2021. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/v11n3aop02.pdf> Acesso em 28de abril de 2022.

OLIVEIRA, Aldane Maciele Fernandes; ARAÚJO, Elaine Magalhães; SILVA, Roberta Tolentino. Alimentação infantil durante a pandemia do Covid-19. **Centro universitário- UNIFG**, Guanambi-BA, 2021. Disponível em: <https://bityli.com/ksBdf> Acesso em 28de abril de 2022.

JUNIOR, João Ferreira Sobrinho; MORAES, Cristina de Cássia Pereira. A Covid-19 e o reflexo sociais do fechamento das escolas. **Dialogia**, São Paulo, n36, p.128-148, set/dez,2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18249> Acesso em 28 de abril de 2022.